

O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro

Vivian Meira ¹

¹ Mestre em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia -UFBA. Professora da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus XX. Praça da Bandeira, 56, centro, Livramento de Nossa Senhora – Bahia. Cep: 46140-000. vivianmeira@gmail.com

Resumo. Apresenta-se um estudo sobre a variação no uso do modo subjuntivo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia. Do ponto de vista lingüístico, as formas do modo subjuntivo ocorrem com maior frequência em duas situações: (i) uma de base morfológica, em que o uso das formas de subjuntivo se dá tanto com verbos quanto com o tempo em que a oposição subjuntivo versus indicativo é mais saliente; (ii) outra de base semântica, em que o contexto de irrealidade tende a favorecer o uso do modo subjuntivo. Diferentemente do que se registra em pesquisas no português urbano, observa-se que o subjuntivo vem ganhando ambiente antes ocupado apenas pelas formas do indicativo, o que demonstra a aquisição das formas do subjuntivo pelos falantes dessas comunidades, confirmando a realidade bipolarizada do português do Brasil.

Palavras-chave. *Sociolingüística; Língua Portuguesa - subjuntivo; Comunidades afro-brasileiras - Bahia.*

Abstract. This work presents a study of the variation of the usage of subjunctive mood on the speaking of four black rural Brazilian communities at the countryside of Bahia. From the linguistic point-of-view, the subjunctive-mood forms occur more widely in two situations: (1) one of a morphological component, in which subjunctive forms are compatible with both verbs and with time when subjunctive X indicative opposition is more prominent; (2) the other of semantic component, in which the context of unreality tends towards a wider usage of subjunctive mood. Moreover, unlikely what has been registered by research on urban Portuguese language, it can be stated that subjunctive has been increasing more widely in places where indicative-mood forms overwhelmed before, asserting the two-poles reality of the Brazilian Portuguese.

Keywords. *Sociolinguistics; Portuguese Language - subjunctive mood; black Brazilian communities – Bahia.*

Introdução

Neste trabalho, aplicamos a teoria da variação lingüística laboviana, além de nos pautar também na teoria da transmissão lingüística irregular (TLI), como forma de explicar a variação no uso dos modos verbais entre falantes de comunidades rurais. Em linhas gerais, consideramos a hipótese de que a variação no uso do subjuntivo nessas comunidades seja resultado do processo de TLI, desencadeado pelo massivo contato do português com as línguas africanas, ocorrido nos períodos colonial e imperial. Acreditamos que nessas comunidades, diferentemente do que se observa em pesquisas no português urbano, o subjuntivo vem gradativamente ganhando ambiente antes ocupado apenas pelo indicativo, visto que os antepassados desses falantes devem ter adquirido através do processo de TLI as formas do indicativo, pois este modo, por se referir a eventos reais, tende a ser mais usado na comunicação, podendo ser definido como o modo morfológicamente não marcado. Atualmente, o subjuntivo vem sendo adquirido por estes falantes em decorrência de toda a infra-estrutura propiciada pela urbanização de nosso país.

1 O fenômeno estudado: O modo subjuntivo

A tradição gramatical apresenta um sistema de modo verbal, cujo emprego se baseia ora em critérios semânticos, ora em critérios sintáticos e formais. De fato, se nos pautarmos na gramática tradicional, observaremos uma miscelânea de regras que norteiam o emprego dos modos verbais, especificamente do subjuntivo.

Esse conjunto de fatores arrolados pela tradição gramatical portuguesa atesta a variação no emprego dos modos verbais, uma vez que apresenta, por exemplo, a anteposição ou posposição do advérbio talvez ao verbo como regra de emprego de subjuntivo ou de indicativo, respectivamente, como se o advérbio por si só marcasse a atitude que deveria ser categoricamente expressa pelo verbo, como em: Talvez eu compre uma camisa e Comprarei talvez uma camisa.

Os modos verbais são também condicionados por regras facultativas cuja aplicação é regulada por fatores intencionais e subjetivos, pois, muitas vezes, cabe a atitude do falante o emprego de determinado modo, mesmo que a estrutura gramatical indique o uso de um modo específico. Por outro lado, verificamos também que a complexidade em estudar a forma verbal se dá inicialmente a partir do fato de que um mesmo morfema acumula em si as noções de tempo e de modo. Semanticamente são valores distintos, mas são indissociados morfológicamente.

O respaldo teórico apresentado pela gramática tradicional é muitas vezes contraditório com o uso. Tomando como base Santos (2003), achamos conveniente, como primeiro passo, observar o que existe de comum em: Quero que você estude hoje e Duvido que você estude hoje.

Curiosamente, poderíamos nos perguntar o que permite a mesma forma – estude – assumir conteúdos semânticos distintos, como dúvida, vontade, sentimento etc. Levando em conta o que prescreve a tradição gramatical, no que diz respeito ao emprego do

subjuntivo, diríamos que tal modo é determinado automaticamente pelo tipo de verbo da oração principal e, assim, deparamo-nos com um “problema” sintático. Por outro lado, assume-se também que o modo verbal é dependente de uma atitude do falante diante de um fato ou de uma proposição enunciada, referindo-se, assim, a uma questão semântico-pragmática.

No entanto, o emprego do subjuntivo não se deve exclusivamente a uma questão sintática ou semântico-pragmática, mas também, e com certa frequência, a expressões de dúvida, a conjunções, a advérbios etc. Daí poderíamos supor que os princípios sintático e semântico-pragmático de emprego do subjuntivo estariam estreitamente relacionados com tais partículas. Em outras palavras, uma explicação meramente sintática não abarcaria todas as ocorrências do subjuntivo e, devido a isso, recorre-se a critérios puramente semânticos, que, por sua vez, são insuficientes, não cobrindo todos os aspectos de uso desse modo em português, valendo-se, assim, de definições de varia ordem.

2 Metodologia

Discutiremos a frequência de emprego do uso do modo subjuntivo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do estado da Bahia: as comunidades de Cinzento, Helvécia, Barra e Bananal e Sapé. Para análise dos dados dessas comunidades, utilizaremos os corpora constituídos pelos pesquisadores do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia. Serão analisados 28 inquéritos.

Os informantes foram distribuídos em sexo (masculino e feminino), idade (faixa I: de 20 a 40 anos; Faixa II: de 41 a 60 anos; Faixa III: de 61 a 80 anos e Faixa IV, com mais de 80 anos), escolaridade (analfabeto e semi-analfabeto) e estada fora da comunidade (aqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade e aqueles que se ausentaram da comunidade por um período inferior a seis meses).

Optamos pelo estudo dessas comunidades pelo fato de elas serem constituídas por afro-descendentes, cujo passado está ligado ao contato entre línguas e ao processo de TLI e por apresentarem certo grau de isolamento de outros meios sociais, pois, segundo nossa hipótese de trabalho, o contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas faladas pelos antepassados dos membros que hoje vivem em tais comunidades e a transmissão irregular daquela a estes falantes foram responsáveis por muitas das variações ocorridas no português rural do Brasil.

2.1 O contexto lingüístico: A variável dependente e as variáveis explanatórias

Delimitamos duas variáveis dependentes para estudo: (i) O uso do modo subjuntivo em orações relativas e (ii) o uso do subjuntivo em orações completivas.

Para a análise do uso do subjuntivo nas orações relativas e nas completivas, utilizaremos variáveis como o tempo do subjuntivo previsto no uso culto e morfologia verbal, a fim de avaliar a atuação do princípio da saliência fônica, isto é, se as formas mais marcadas foneticamente na oposição subjuntivo versus indicativo favorecem o uso do subjuntivo, isso será válido tanto para a diferença entre as formas do presente e do

imperfeito do subjuntivo, quanto com relação à questão da regularidade e irregularidade dos verbos.

Por outro lado, como se trata de comunidades que apresentam um passado marcado pelo contato entre línguas e pelo processo de TLI, esperamos que as marcas do tempo futuro (de verbos regulares) seja mais recorrente, visto que estas se assemelham às formas do infinitivo, o que teria facilitado a sua aquisição pelos falantes. Nesse sentido, observe que a marca do futuro tende a se assemelhar à do infinitivo, mesmo em verbos irregulares, como em “É aonde nós tamos por aí até o dia que Deus querê” (SubR_R24).

Para a análise das orações relativas, faremos uso também da variável localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação, uma vez que levamos em consideração a hipótese de que uma referencialidade posterior ao momento da enunciação, por se relacionar a eventos irreais e hipotéticos e, portanto, ao valor semântico do subjuntivo, tenda a favorecer o uso desse modo verbal.

Quanto ao uso do subjuntivo em orações completivas, selecionamos também para a análise dos corpora o seguinte fator lingüístico: avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva, a fim de verificar a relação entre o modo subjuntivo e o valor semântico de irrealidade contido na oração principal e, assim, esperamos que esse modo verbal tenda a ocorrer em completivas encaixadas em orações que, em linhas gerais, contenham proposições hipotéticas, que estejam sob o domínio da dúvida e da incerteza e, portanto, que estejam associadas ao valor semântico do subjuntivo.

3 A análise dos dados das orações r elativas: O fenômeno sob a perspectiva lingüística

Com relação ao uso do subjuntivo em orações relativas, encontramos apenas 162 ocorrências referentes aos contextos em que é previsto o emprego do subjuntivo de acordo com os padrões normativos. De fato, o número de ocorrências foi reduzido. Obtivemos um total de 23% de uso de subjuntivo. Pimpão (1999), ao estudar o português urbano, utilizando corpus do projeto VARSUL, encontrou, aproximadamente, 82% de uso do subjuntivo nas relativas no tempo presente, ao passo que, em nossos corpora, registramos apenas 18% de uso do subjuntivo nesse tempo verbal. Assim, os nossos resultados não estão de acordo com aqueles encontrados com falantes do meio urbano, o que contribui para demonstrar a concorrência de duas gramáticas, uma referente ao português urbano e outra ao português rural, em especial, afro-brasileiro. O VARBRUL selecionou com nível de significância .044 três variáveis lingüísticas e uma social. A seguir, apresentaremos cada variável de acordo com a ordem de sua seleção.

3.1 Localização temporal do evento expresso na oração r elativa em r elação ao momento da enunciação

Como podemos ver, a partir dos resultados da Tabela 1, o uso do subjuntivo é largamente favorecido quando o evento referido na relativa se localiza em um momento posterior ao momento da ilocução.

Tabela 1: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a localização temporal do evento expresso na oração relativa

Nível de Significância: .044)

LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	n.º de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Posterior à ilocução	17/31	61%	.93
2. Simultaneamente à ilocução	09/38	13%	.36
3. Anterior à ilocução	12/66	15%	.37
TOTAL	38/135	28%	

O uso do subjuntivo é desfavorecido quando os eventos referidos são anteriores ou simultâneos ao momento da ilocução, como exemplificados, respectivamente, em “... as comida *que num dava* pá comê, num podia come” (Cinz., 09) e “É difíci i(r) assim alguém *que num usa* o chapéu” (Cinz., 01). Isso se ajusta ao valor semântico do subjuntivo, pois este se relaciona a eventos hipotéticos e irreais, que, por sua vez, abarcam também uma referencialidade posterior ao momento da enunciação. De fato, esse plano do *irrealis* está mais diretamente ligado ao futuro, a momentos posteriores do que ao presente e ao passado;

na verdade, os eventos que se situam no futuro são objetivamente irreais, por maior que seja a certeza do falante em face da sua realização. Como exemplos da localização posterior, temos: “Quando a gente vai tem em quarqué um das casa *que fô*...” (Cinz., 09).

3.2 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

O subjuntivo no português afro-brasileiro é mais usado nos contextos em que o uso culto prevê as formas do futuro e do imperfeito, como podemos verificar na Tabela 2.

Tabela 2: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a forma prevista na norma culta

(Nível de Significância: .044)

FORMA PREVISTA NO USO CULTO	n.º de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Futuro do Subjuntivo	17/31	55%	.78
2. Imperfeito do Subjuntivo	09/38	24%	.46
3. Presente do Subjuntivo	12/66	18%	.38
TOTAL	38/135	28%	

Verificamos que o grande favorecedor do uso das formas do subjuntivo é o futuro, conforme exemplificado em “... quarqué uma coisa *que precisá*, eu sô mulé pa empresta” (Sapé, 12), enquanto o imperfeito fica um pouco abaixo da média geral de uso (24% contra

28%, do geral), desfavorecendo ligeiramente o emprego do subjuntivo (p.r. de .46). O contexto de presente é aquele que mais desfavorece o uso desse modo verbal.

Pimpão (1999) defende que a noção de futuridade, desencadeada pelo tempo presente, favorece o uso do subjuntivo e não o valor nocional de irrealidade. A partir dos nossos resultados, registramos que o uso do subjuntivo em comunidades afro-brasileiras é favorecido pelo tempo futuro (55%), com um peso relativo de .78 e não pelo tempo presente (18%). Isso pode ser explicado da seguinte maneira. A idéia de projeção futura desencadeada pelo tempo futuro pode se relacionar com o traço *irrealis*, na medida em que

o futuro indica apenas uma suposição, hipótese ou, como afirma Mattoso Câmara (2002

[1970]), o tempo futuro, assim como o pretérito mantêm uma oposição em orações que designam uma condição prévia do que será dito, pois um evento futuro sugere que poderá

acontecer ou não. Além disso, as formas do futuro em sua grande maioria coincidem com as formas do infinitivo, o que facilitaria a sua aquisição. Já o imperfeito e o presente, que

apresentam morfemas exclusivos, seriam mais lentamente incorporados ao uso da comunidade de fala. E, entre esses dois, as formas do imperfeito levariam vantagem por apresentarem um morfema foneticamente mais saliente e regular, o -sse- (que possui o padrão silábico CV). Por outro lado, a alternância da vogal temática que marca as formas

do presente do subjuntivo seria a de mais difícil aquisição, o que nos leva a crer que a forma de futuro foi facilmente adquirida pelos falantes no processo de TLI, desencadeado pelo contato entre línguas.

Tendo em vista apenas as formas do imperfeito e do presente, esperávamos, tomando como base o princípio da saliência fônica, que aquelas fossem as favorecedoras do uso do subjuntivo, o que pode ser confirmado em nossos resultados, já que encontramos um peso relativo de .46 para o uso das formas do tempo imperfeito e de .38 para o uso do presente. Assim, defendemos que no processo de aquisição da norma culta, os falantes das comunidades de fala analisadas tendem a usar inicialmente a forma de subjuntivo que se assemelha a outras formas de nossa língua e, em outro sentido, os falantes adquirem as formas de subjuntivo em que o material fônico é mais perceptível, pois nos ambientes em que o material fônico é menos saliente o uso de subjuntivo foi menor.

Acreditamos que essas comunidades adquiriram mais facilmente, no processo de TLI, as formas do tempo futuro por coincidirem com as formas do infinitivo; por outro lado, nos grandes centros, o alto índice de uso da forma do tempo presente pode ser explicado pelo fato de nesses meios haver a difusão do padrão culto através dos meios de comunicação e da escolarização.

Segundo Wheritt (199-? apud FARIAS, 2005, p. 50), há duas fases no processo de aquisição das formas de subjuntivo:

- a) uma em que o subjuntivo é adquirido na comunidade por meio do input, por exemplo, o aparecimento do futuro do subjuntivo em orações adjetivas, com conectivos como 'se', 'como se', 'quando', 'onde' e depois de palavras que indicam incerteza; b) outra que é adquirida por meio da educação formal, em que aparece o uso do subjuntivo nas orações adjetivas (no presente e no pretérito) e em orações substantivas introduzidas por conjunções diferentes das mencionadas acima.

Tomando como base as comunidades de fala analisadas, podemos encaixá-las nessa primeira fase, uma vez que as formas do futuro podem ter sido adquiridas pelo *input* no processo de TLI. Por outro lado, isso também explicaria o uso do tempo presente pelos falantes do português urbano, uma vez que estes, mesmo que muitos não passaram por uma educação formal, mantêm sempre contato com os meios difusores da norma culta.

3.3 Morfologia Verbal

Esperávamos que, por influência do material fonético envolvido na diferença entre a forma do subjuntivo nos verbos regulares e irregulares, fosse mais empregada a marca de subjuntivo nestes. No entanto, os verbos regulares favorecem mais o uso das formas do subjuntivo do que os verbos irregulares, como podemos verificar na Tabela 3:

Tab el a 3: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a morfologia flexional do verbo

(Nível de Significância: .044)

FLEXÃO VERBAL	Nº de oc./To tal	Freq .	P.R.
1. Regular	14/50	28%	.66
2. Irregular	24/112	21%	.42
TOTAL	38/162	23%	

Essa realidade pode ser explicada da seguinte forma: Levando em consideração o fato de que o futuro teve um maior percentual de uso nessas comunidades rurais (55%), com um peso relativo de .78 e de que as formas desse tempo verbal coincidem com as formas do infinitivo, o emprego das marcas de subjuntivo nos verbos regulares também coincide com as marcas de futuro e de infinitivo, o que teria facilitado o processo de aquisição por parte dos falantes. A ocorrência “Mas a criação que ‘ocê sustentá na mão, ‘cê é obrigado tê a mandioca” (Cinz., 12) é exemplo do uso do subjuntivo em verbos regulares, ao passo que “Se eu topá ôta pessoa *que me dá* assistência e me ajuda é o pai, a mesma coisa” (Cinz., 06) exemplifica o não uso desse modo em verbos irregulares.

4 A análise dos dados das completivas: As variáveis lingüísticas

Quanto ao uso do subjuntivo em orações completivas, nos contextos prescritos como de uso do subjuntivo, foram registradas apenas 80 ocorrências. Nesse contexto, o subjuntivo foi usado apenas em 23 ocorrências; portanto, 29% do total, número bastante reduzido. Por outro lado, Pimpão (1999) encontra o total de 84% de uso do subjuntivo nas completivas, no tempo presente, num *corpus* constituído por 83 ocorrências (70 apresentaram o uso do subjuntivo) e, em nossos *corpora*, registramos apenas 24% de uso do subjuntivo no tempo presente. A disparidade desses resultados ratifica as diferenças entre a gramática do português urbano e a do português afro-brasileiro.

De certa forma, a base de dados restante ficou bastante reduzida, não possibilitando a obtenção de resultados consistentes no nível da análise probabilística do Programa das

Regras Variáveis – VARBRUL. Por isso, os resultados apresentados serão baseados apenas na frequência relativa expressa nos resultados percentuais.

Acreditamos que, no português afro-brasileiro, o indicativo está perdendo (aos poucos) ambiente para o subjuntivo, pois este modo vem sendo gradativamente adquirido pelos membros dessas comunidades. Na verdade, no processo de TLI, ocorrido durante o contato entre línguas, o modo indicativo, não marcado morfologicamente, deve ter sido mais facilmente adquirido pelos falantes, pois, por se referir a eventos reais, este modo tende a ser mais usado na comunicação do que o subjuntivo. Com a crescente urbanização de nosso país e todos os benefícios por ela propiciados, é provável que as formas referentes ao modo subjuntivo tenham sido mais facilmente transmitidas aos falantes do meio urbano; por outro lado, temos a realidade do meio rural, especificamente aquelas comunidades constituídas por afro-brasileiros, que, por muito tempo, se mantiveram isoladas de outros grupos sociais e de todo processo urbanizador, como propõe Lucchesi (2001).

4.1 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

Nas comunidades de fala analisadas, o subjuntivo é mais usado nos contextos do imperfeito do que nos contextos de presente, como podemos observar na seguinte tabela:

Tabela 8: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tempo do subjuntivo previsto no uso culto

CONTEXTO DE USO	n ° d e ocorrências/Total	Frequência
1. Contexto de Imperfeito do Subjuntivo	11/33	33%
2. Contexto de Presente do Subjuntivo	11/45	24%
TOTAL	22/78	28%

Confirmamos a aplicação do princípio da saliência fônica, visto que a alta frequência de uso do subjuntivo nos contextos de imperfeito (cf. explicitado em “Eu queria que *estudasse*...” (Sapé, 05) se deve à maior força morfofonológica desse tempo verbal; na verdade, o morfema do imperfeito -sse- apresenta um padrão CV mais consistente em termos de seu material fonético do que a alternância vocálica que indica o presente do subjuntivo (cf. exemplo “Tá difícil... e essas aí, eles num qué que *tire* não...” (Hel., 07)

4.2 Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva

Esperávamos verificar, com essa variável, quais os contextos semânticos poderiam em maior intensidade influenciar o uso do subjuntivo. A Tabela 9 apresenta os resultados obtidos na quantificação dos dados.

Tabela 9: O uso do subjuntivo no português afro-brasileiro de acordo com a variável nível de realidade do evento referido na oração completiva

NÍVEL DE REALIDADE DO EVENTO	n ° de ocorrências/Total	Frequência
------------------------------	--------------------------	------------

1. Irreal	08/23	35%
2. Hipotético	07/26	27%
3. (In)desejado	08/30	27%
TOTAL	23/79	29%

O contexto de irrealidade pode ser considerado um fator favorável ao uso desse modo verbal. Assim, a forma de subjuntivo nas comunidades de fala analisadas é também condicionada por um parâmetro semântico. Observamos que as formas de subjuntivo, nos contextos marcados pelo traço de irrealidade, vem ganhando ambiente junto ao modo indicativo. Observe que os valores hipotético e (in)desejado apresentam uma percentagem (27%) abaixo da média geral (29%) de uso do subjuntivo e que o fator *irreal* apresenta apenas 35% de uso do subjuntivo, percentagem reduzida quando comparado com o uso desse modo verbal no português urbano.

Tendo isso em vista, podemos citar a teoria da transparência semântica, segundo a qual a reestruturação da gramática por parte de falantes de línguas *pidgin* e crioulas tem como base estruturas cognitivas, semânticas e não apenas gramaticais. Nesse sentido, a estrutura semântica por ser mais universal, transparente e menos marcada, tende a ser mais fácil de ser aprendida do que as estruturas de superfície. Na verdade, tais falantes fazem uso de variados meios expressivos com o intuito de se comunicarem. Daí podermos entender o porquê de nestas comunidades haver uma associação entre o subjuntivo e o valor *irrealis* e, assim, a reestruturação da gramática se dá também a partir da estrutura semântica indo ao encontro do padrão da língua alvo e, em outras palavras, as estruturas semânticas universais tendem a influenciar a aquisição e o uso das formas de subjuntivo nessas comunidades.

4.3 Morfologia do verbo da oração completiva

A partir dos resultados, verificamos a aplicação do princípio da saliência fônica, pois, nos verbos irregulares, que apresentam alto nível de saliência na oposição subjuntivo versus indicativo, a frequência de uso do subjuntivo é maior, 31%, do que nos verbos regulares, que apresentam um nível baixo de saliência fônica na oposição subjuntivo-indicativo, demonstrando apenas 27% de uso do subjuntivo, abaixo da média geral. A tabela a seguir apresenta os resultados dessa variável.

Tabela 10: Uso do subjuntivo no português afro-brasileiro segundo a morfologia do verbo da oração completiva

TIPO MORFOLÓGICO DO VERBO	n.º de ocorrências/Total	Frequência
1. Irregular	15/49	31%
2. Regular	08/30	27%
TOTAL	23/79	29%

4.4 O fenômeno sob a perspectiva social

Com relação às variáveis sociais, com o baixo número de ocorrências dos *corpora*, decorrente da reduzida faixa de variação encontrada, não obtivemos resultados consistentes no plano do encaixamento social da variável analisada; tanto que nenhuma variável social foi selecionada pelo Programa VARBRUL.

Considerações finais

Identificamos, em nossa análise variacionista dos padrões de comportamento lingüístico das comunidades afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, que a aquisição do subjuntivo por falantes de comunidades constituídas por afro-descendentes desencadeia-se, do ponto de vista lingüístico, a partir de dois fatores: (i) um de base morfológica, em que a forma mais saliente, em termos morfofonológicos (tanto os verbos quanto os tempos), favorece a implementação das formas do subjuntivo; (ii) o outro fator é semântico: as formas do subjuntivo começam a ser empregadas nas referências a eventos claramente irreais. Na verdade, partindo da idéia de que na oposição entre indicativo e subjuntivo, este estaria associado ao traço semântico *irrealis* e aquele ao traço *realis*, acreditamos que o princípio da transparência semântica pode explicar o incremento das formas do subjuntivo, a partir do momento em que o falante percebe uma oposição entre um modo relacionado com o *realis* e outro associado ao *irrealis*, passando a dispor de diferentes meios expressivos para efetivar a comunicação. Sendo assim, nas comunidades afro-brasileiras analisadas, a aquisição do subjuntivo tem, *a priori*, base tanto morfológica quanto semântica.

Referências

- FARIAS, Rosemeire L. da Silva. A oposição indicativo/subjuntivo e o uso das conjunções ‘mas’ e ‘embora’ em textos de alunos da Educação Básica. 2005. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- LUCCHESI, Dante. As Duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000). D.E.L.T.A, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001, São Paulo.
- . O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. Português brasileiro: contexto lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. Estrutura da Língua Portuguesa. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002 [1970].
- PIMPÃO, Tatiana S. Variação no presente do modo subjuntivo: Uma abordagem discursivo-pragmática. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- SANTOS, Maria Joana de Almeida Vieira dos. Os Usos do Conjuntivo em Língua Portuguesa: Uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.